

APONTAMENTOS SOBRE A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO, EM SALA DE AULA, SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DO EFEITO ESTÉTICO

Marcos Antônio Fernandes dos Santos
(UFMS - Doutorando)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES	
<p>Marcos Antônio Fernandes dos Santos é mestre em Letras (Teoria literária) pela Universidade Estadual do Maranhão e Doutorando em Letras (Estudos literários), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. É membro do grupo de pesquisa Literatura e Vida. Atualmente é professor substituto na Universidade Estadual do Maranhão, atuando no curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.</p>	
RESUMO	ABSTRACT
<p>O artigo objetiva refletir sobre a leitura do texto literário em sala de aula, sob a perspectiva da teoria do efeito estético, vertente da Estética da Recepção que valoriza o potencial do texto e o papel do leitor. Quanto à metodologia utilizada, consiste em revisão bibliográfica. Para as discussões, têm-se autores como Ingarden (1979), Iser (1996), Jouve (2002), Eco (2008), entre outros. Através da reflexão, evidenciou-se que quando a prática da leitura literária é um ato repleto de significação e que leitor é parte indispensável, o hábito e o prazer da leitura podem se tornar frequentes e efetivos.</p>	<p>The article aims to reflect on the reading of the literary text in the classroom, from the perspective of the theory of aesthetic effect, a strand of the Aesthetics of Reception that values the potential of the text and the role of the reader. As for the methodology used, it consists of a literature review. For the discussions, there are authors such as Ingarden (1979), Iser (1996), Jouve (2002), Eco (2008), among others. Through reflection, it was evidenced that when the practice of literary reading is an act full of meaning and that reader is an indispensable part, the habit and pleasure of reading can become frequent and effective.</p>
PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
<p>Leitura; Texto Literário; Recepção; Sala de aula.</p>	<p>Reading; Literary Text; Reception; Classroom.</p>

INTRODUÇÃO

A princípio, o uso de textos literários no ambiente escolar tem sido alvo de discussões por professores e teóricos, posto que sua utilização ainda se encontra presa a livros didáticos e a metodologias mecanizadas nas aulas de literatura. Tal questão levanta uma falha nas metodologias de ensino atuais. Pensar em literatura é conceber o texto enquanto criação artística e prazer estético. Partindo desse ponto de vista e entendendo o texto como um tecido de múltiplas significações, é preciso compreender que ele por si só não é capaz de estabelecer a pluralidade que propõe. O leitor, nesse sentido, é parte do texto, porque é ele quem confere sentidos e atualiza aquilo que lê.

Ele é capaz de inferir informações e agregar valores, sempre a partir de sua experiência com o texto, sendo esse uma construção “integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor” (ISER, 1996, p. 13). A escrita contemporânea, especialmente, tem se mostrado rica em experiências, sendo o leitor um espelho que reflete a leitura literária, que representa o outro, ele mesmo e o mundo.

A teoria do efeito estético, que faz parte de uma abordagem dos estudos em recepção literária, será a principal via para a metodologia de pesquisa aqui proposta, uma vez que os pressupostos elencados pelos estudos da recepção nos auxiliam a entender os mecanismos presentes no texto, que possibilitam a interação entre leitor e texto literário. O fenômeno da recepção acontece de formas variadas e está relacionado principalmente à unicidade de cada experiência de leitura, que será determinada, essencialmente, pela natureza do sujeito leitor. Sendo múltiplo em suas experiências e percepções, cada leitor desvenda o literário de forma particular. É certo que, quanto maior for a experiência de leitura, maiores serão as possibilidades de expansão e compreensão do texto literário.

O envolvimento do ensino de literatura com as teorias da recepção constitui uma possibilidade efetiva de formação de leitores e de reformulação na concepção de ensino de literatura. A proposta é pertinente, porque permite que docentes e estudantes compreendam a verdadeira essência do texto literário, bem como de seu funcionamento, percebendo as estruturas que o constituem e como elas são responsáveis pela atribuição de sentido ao texto.

Entender a literatura enquanto estética é fundamental para se chegar a uma abordagem que valorize o trabalho em sala de aula, promovendo a expansão para novos horizontes, de práticas de leitura que sensibilizem os leitores a verificarem o potencial que a obra literária possui. Quando o sujeito sente que a leitura literária é um ato repleto de significação e que ele é parte indispensável dessa atividade, conseqüentemente o hábito e

o prazer da leitura se tornarão frequentes e afetivos. De tal forma, o trabalho docente também é facilitado e satisfatório, pois sua prática pedagógica certamente refletirá para além dos muros da escola, se concretizando nos mais diversos espaços e na vida social.

Na teoria, a abordagem do texto a partir da perspectiva do estudo dos gêneros textuais está prevista nos documentos oficiais, o que garante maiores possibilidades de compreensão sobre a utilização da língua e dos fenômenos que a envolvem, em seus mais diversos contextos. Por outro lado, o que acontece, na prática, é a manipulação equivocada e a simplificação dos conceitos e dos gêneros textuais, que costumam ser abordados através de sequências didáticas descontextualizadas que prejudicam o ensino, em especial, da leitura literária. Dessa maneira, a pesquisa versa sobre o trabalho com a literatura e sobre como a leitura literária pode contribuir com o ensino de literatura que se desenvolve nas instituições de ensino, e, conseqüentemente, com a formação de leitores críticos capazes de compreender o ato de leitura e suas implicações.

1 CONTEXTUALIZANDO A PROPOSTA DO ENSINO DE LITERATURA SOB O VIÉS DA RECEPÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

As práticas de leitura constituem uma discussão importante e constante no contexto social e escolar. No entanto, práticas que sejam efetivas para a formação de leitores ainda são necessárias, especialmente aquelas que envolvem a leitura do texto literário, tendo em vista as próprias indicações dos documentos oficiais que norteiam o ensino no país. A leitura contribui para formação social dos indivíduos nas instituições de ensino, todavia, em muitos casos, ainda se verifica que suas estratégias não estão sendo empregadas de maneira efetiva, consistindo em práticas mecânicas de decodificação que não satisfazem os objetivos a serem alcançados.

Em nossa sociedade atual, embora jovens tenham contato com diversos textos literários, é normal que inicialmente sintam dificuldades em compreender a carga semântica e os elementos que os constituem, causando um certo estranhamento por parte do leitor iniciante, que porventura possa não ter desenvolvido uma base sólida de conhecimentos literários ao longo de sua educação. A leitura regular de textos no ambiente escolar, por exemplo, possibilita ao leitor uma experiência de sensibilização, ou seja, ele será capaz de se envolver com o texto, tornar-se parte do mesmo e questioná-lo, pois carrega consigo outras leituras que contribuirão favoravelmente para a sua compreensão.

Para Neide Rezende (2013), a literatura em sala de aula precisa “ir do ensino de literatura para o de leitura literária, quando o objeto do ensino da literatura passa a ser a

experiência da leitura literária e a reflexão, experiência e reflexão essas que podem ser mediadas e sociabilizadas no espaço da sala de aula” (REZENDE, 2013, p. 13). Nesse sentido, é preciso, assim, considerar a experiência de cada estudante com o texto literário, considerando as singularidades de ambos e os efeitos provocados pela leitura, os quais são singulares em cada leitor. Para tanto, é importante que o professor também seja um leitor conhecedor de textos literários e das teorias que sustentam seu estudo, como é o caso, por exemplo, das teorias que discutem a recepção literária. Um dos problemas visualizados na forma como o ensino de literatura acontece, na maioria dos casos, diz respeito à sua descontextualização e à não exploração da dimensão estética dos textos. O que se verifica, por exemplo, na forma como muitos livros didáticos apresentam e exploram a literatura.

Como forma de superar os velhos problemas existentes na prática pedagógica do professor de literatura e na prática da leitura literária na escola, a presente proposta sugere que a relação entre a teoria da Estética da Recepção e a educação literária pode ser um ponto fundamental para o êxito nas práticas de leitura literária em sala de aula e para mudanças nas tradicionais concepções de ensino de literatura. Essa percepção, no Brasil, é amparada por alguns documentos oficiais, como é o caso das Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa, elaboradas pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, que indicam que:

o ensino da literatura seja pensado a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito, visto que essas teorias buscam formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividades que se expressam pela tríade obra/autor/leitor, por meio de uma interação que está presente na prática de leitura. A escola, portanto, deve trabalhar a literatura em sua dimensão estética (PARANÁ, 2008, p. 58).

A referência em específico às Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, é decorrente da pouca menção em outros documentos oficiais de ensino no Brasil ao viés recepcional e ao efeito estético do texto literário. Sob essa perspectiva, os apontamentos realizados se propõem a pensar respostas para questionamentos como: a leitura, em sala de aula, abordada sob o viés da recepção (teoria do efeito estético) pode ser uma importante via de transformação para o ensino de literatura e de aproximação do texto com o estudante? No que diz respeito à formação de leitores, quais são as possíveis experiências dos estudantes com o texto literário e suas posições diante do preenchimento de vazios existentes nele? Ou ainda: A adoção do Método Recepcional como instrumento metodológico para a leitura

do texto literário é compatível com o contexto educacional em questão? Assim, faz-se necessário refletir sobre essas questões.

2 TEORIA DO EFEITO ESTÉTICO E LEITURA LITERÁRIA

O texto literário é um objeto que se coloca diante de nós com uma rede de enigmas que aprofundam cada vez mais a necessidade de compreensão da leitura, que não se encerra nas linhas projetadas pelo texto. A literatura enquanto arte se expressa através da comunicação que estabelece com o outro, sendo capaz de criar raízes que perfuram os limites da escrita e ultrapassam para a consciência do sujeito que exerce a leitura. De tal maneira, é uma via de mão dupla que pressupõe a relação recíproca entre objeto e sujeito, sendo capaz de provocar efeitos que atuam na percepção pela qual passa o leitor.

Por se tratar de uma atividade complexa e permeada de subjetividades, a teoria literária carece de pressupostos que sustentem e forneçam possibilidades para a compreensão da percepção sobre a leitura literária. É necessário entender os mecanismos envolvidos por trás da significação de um texto de literatura e a maneira como o leitor está inserido nesse processo. Essa necessidade já veio sendo percebida pelos teóricos da literatura desde o século passado, que se debruçaram a investigar e compreender os mecanismos que envolvem a leitura literária e as contribuições do leitor em tal processo.

Teóricos como Roman Ingarden (1979), Wolfgang Iser (1996), Umberto Eco (2008) e Jean-Paul Sartre (2004) estão entre os envolvidos nos estudos realizados até hoje sobre compreensão da leitura literária e, dessa forma, a compreensão existente sobre esse fenômeno está fundamentada principalmente sobre eles. Iser, por exemplo, em sua obra *O ato da leitura – uma teoria do efeito estético* (1996), faz uma reflexão sobre a estética e o efeito da recepção. A relação que o autor estabelece entre texto e leitor é indispensável para que se entenda como uma obra se comunica com quem a lê. Tanto Iser quanto os demais teóricos dessa linha elucidam sobre o fato de que a leitura é um processo complexo e que o leitor é parte indispensável para o desvendamento dos significados que ela possibilita.

Os conceitos propostos por teorias tais como a do efeito estético, também, não são simples de serem assimilados, pois é necessário, inclusive, repensar as práticas tradicionais de leitura. Interessante também é notar que as percepções dos teóricos, mesmo que divergentes em alguns pontos, se complementam e, juntas, compõem um todo que fornece bases para o entendimento sobre a leitura literária. Iser (1996) é certamente o teórico que mais contribuiu para a compreensão do ato de leitura, sendo importante, ainda, destacar o fato de que ele fora muito influenciado pelos estudos de Ingarden (1979). Sua teoria analisa os efeitos da obra literária provocados no leitor, por

meio da leitura. Para ele, o papel da leitura literária é o de elevar o papel da consciência em busca de significados, de maneira a ampliar as possibilidades de comunicação entre texto e leitor.

Diante de tal perspectiva, o texto literário é entendido como uma estrutura ampliada, repleta de caminhos que se colocam como sugestões dispostas por toda a construção textual. Essas sugestões funcionam como artifícios para a fruição das possibilidades de leitura e despertam a imaginação do leitor. Logo, os significados resultantes do ato de leitura apenas podem ser extraídos como imagens, não exigem explicação, mas provocam efeitos que podem ser experienciados pelo sujeito. Em sua teoria do efeito estético, Iser (1996) formula a ideia que conceitua de leitor implícito, que caracteriza aquele tipo de leitor que atua como uma espécie de atualizador daquilo que lê, sendo capaz de conferir sentidos, inferir informações e agregar valores, sempre a partir de sua experiência com o texto.

Retomando a ideia inicial sobre os estudos a respeito da recepção, é importante destacar que eles ganham um destaque maior a partir das considerações teóricas realizadas por Hans Robert Jauss, em 1967, na Universidade de Constança. Em aula inaugural, o crítico ministra a palestra, com o título de *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?* O ponto de partida da teoria proposta por Jauss, nesse sentido, consiste em poder resolver o conflito existente, dentro da história da literatura, sobre os aspectos que dizem respeito ao lugar da recepção e os efeitos da leitura do texto literário, uma vez que tanto marxistas quanto formalistas não conseguiram situar o leitor em uma posição confortável e justa.

Andrade (2011, p. 77) comenta que “Jauss deu ênfase à estética, sendo de fundamental importância recobrar a historicidade do movimento; já Iser trabalhou com o efeito, sendo o foco estabelecer o tipo de interação que a obra mantém com o leitor durante a leitura”. É por esse aspecto que Iser distingue sua proposta daquela defendida por Jauss, e por isso se faz indispensável para o aprofundamento nas questões que dizem respeito à compreensão da leitura literária, reafirmando a importância e o lugar do leitor diante da leitura, como já destacado por aquele.

[...] o papel do leitor se define como estrutura do texto e como estrutura do ato. Quanto à estrutura do texto, é de supor que cada texto literário representa uma perspectiva do mundo criada por seu autor. O texto, enquanto tal, não apresenta uma mera cópia do mundo dado, mas constitui um mundo do material que lhe é dado (ISER, 1996, p. 73).

Umberto Eco (2008), escritor e linguista italiano, também se debruçou sobre a perspectiva a partir da qual a Estética da Recepção sugere a relação autor-texto-leitor.

Atento e ciente ao valor dos interlocutores diante de uma construção textual, o teórico destaca que o sentido daquilo que é lido não está única e necessariamente apenas no texto, mas é construído através da relação intrínseca entre esses três aspectos que envolvem a recepção.

O texto tem seu sabor e ele precisa ser degustado. Tal metáfora define a necessidade de que a prática de leitura seja realizada de maneira que o leitor possa sentir prazer ao ler. O prazer a que nos referimos diz respeito principalmente à exploração das possibilidades que o texto traz, ao mergulho profundo entre as palavras e nas entrelinhas existentes entre elas. A finalidade maior da leitura é certamente a busca da satisfação e emoção experimentada diante de tal exercício. A descoberta dos horizontes contidos no texto é uma das principais formas de se ter uma experiência que ultrapasse a leitura superficial.

Roland Barthes, em sua obra *O prazer do texto*, define o que ele denomina de 'texto de prazer', como sendo "aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura" (BARTHES, 1996, p. 21-22). Especialmente no que toca à questão cultural, o texto que comunica é aquele que possui ao menos algum elo em comum com o leitor, já que o processo também prevê uma expectativa que espera uma resposta. Para Jean-Paul Sartre, a leitura implica previsão e espera, compreende tentativas de pressupor o sentido das frases antes de terminar de lê-las, antever os rumos da narrativa, sem a espera, sem o desconhecimento do que virá, não há a sensação de que a obra é "inesgotável e opaca, como as coisas" (SARTRE, 2004, p. 39).

Desvendar os sentidos das palavras e perceber a diversidade de significações do texto literário é essencial para o prazer do texto. Para tanto, o próprio texto dispõe de aspectos que são fundamentais para que o leitor seja parte integrante da leitura, atualizando as possibilidades fornecidas por ela. Citando Ingarden, Iser comenta um aspecto importante que defende em sua teoria e que se mostra fundamental para a compreensão do texto literário moderno e suas possibilidades de leitura:

Ingarden acidentalmente observa que a literatura moderna é problemática com suas "incompreensibilidades muitas vezes declaradas, em certa medida programáticas", para as quais não é capaz de encontrar uma verdadeira entrada (ISER, 1996, p. 99).

A obra literária é concebida como uma estrutura intencional que funciona como um jogo onde as peças precisam ser montadas e a participação do leitor é fundamental. Ele precisa ser um investigador e ter um olhar atento para as dicas que o texto traz e, inclusive, aos não ditos, às indeterminações, conforme apontou Ingarden. O autor indica que especialmente as obras literárias modernas apresentam a problemática da

“incompreensibilidade”, que, na verdade, não representa de fato um problema, mas novas possibilidades de leitura, acarretando no aprofundamento e complexidade do texto.

A partir de tal concepção, pode-se concluir também que a obra literária é, em princípio, inacabada e exige progressiva complementação de sentidos à medida que o leitor avança no texto. Sobre essa estrutura, Ingarden dispõe que:

os esquemas predeterminados dos aspectos são durante a leitura sempre completados e preenchidos por diversos pormenores que propriamente não lhes pertencem e que o leitor tira dos conteúdos de outros aspectos concretos outrora vividos. [...] é inteiramente impossível que o leitor atualize exatamente os mesmos aspectos que o autor quis previamente determinar através da estruturação da obra. Aqui mostra-se de novo que a obra literária é uma produção esquemática. Para compreendermos isto é preciso [...] não a confundir com as concretizações singulares que surgem nas leituras individuais (INGARDEN, 1979, p. 289).

A proposta formulada por Ingarden envolve aspectos muito próximos do que Iser também propõe. Contudo, as ideias divergem e isso pode ser observado, por exemplo, na ideia de que os lugares indeterminados precisam de complementação num processo não-dinâmico, que não considera a afetividade imagística da representação produzida pelo leitor com base na estrutura verbal, o que não acontece com os lugares vazios, propostos por Iser. Os lugares vazios que resultam da indeterminação do texto, assim, possuem outra função. Para Iser (1996, p. 126):

Os lugares vazios indicam que não há a necessidade de complemento, mas sim a necessidade de combinação. Pois só quando os esquemas do texto são relacionados entre si, o objeto imaginário começa a se formar; esta operação deve ser realizada pelo leitor e possui nos lugares vazios um importante estímulo. Mediante eles, assinala-se a possibilidade de ligação de seus segmentos, possibilidade não explicitada pelo texto.

Os lugares vazios funcionam como uma ponte de conexão entre as partes do texto, que aparentemente não encontram ligação e, além disso, possibilitam ao leitor que ele participe do ato de leitura de forma a atualizar os espaços vazios deixados intencionalmente ou não pelo escritor. Tal estrutura é responsável por permitir a atividade do leitor diante do texto, que exige que ele seja parte integrante e indispensável para as possibilidades de leitura. A teoria do efeito estético proposta por Iser veio provocar reflexões e profundas mudanças na forma como a estrutura textual de uma obra literária era concebida, ampliando, assim, ainda mais o objeto artístico que a literatura entrega ao homem.

3 A LITERATURA E SUA RECEPÇÃO EM SALA DE AULA

A literatura pode ser apresentada aos alunos através de leituras que os estimulem a se tornarem admiradores do texto literário, e essa atribuição poderá ser consolidada pela escola. É conveniente que a escola siga estratégias de ensino de literatura com base em práticas que valorizem a recepção do texto literário, de maneira que o diálogo construído entre o aluno e as leituras realizadas o conceda uma experiência enriquecedora, efetivando o prazer estético do texto.

A literatura não é apenas um emaranhado de textos e obras que o tempo consagrou, é também aquilo que existe no dia a dia na escola, que acontece desde a educação infantil. Na prática da leitura literária, é necessário que o docente motive o aluno a expressar suas emoções, a experiência pessoal, os efeitos provocados pelo texto, conforme apontam Magalhães e Barbosa (2009, p.153):

A literatura nos permite, de fato, vivenciar e (re)criar acontecimentos e experiências, sentimentos e emoções. Além disso, o texto literário apresenta uma natureza lúdica e convida o leitor a compartilhar do jogo da imaginação, da fantasia e ainda a brincar com as palavras. Em outras palavras, a experiência estética (como condição de compreender o sentido e importância social da arte) vivenciada na leitura de obras literárias aguça a imaginação, a sensibilidade e, pela catarse (experiência comunicativa básica da arte; o espectador não apenas sente prazer, mas também é motivado à ação) apura as emoções, além de promover a construção de conhecimentos, atitudes morais e éticas, ou seja, a literatura contribui, de fato, para a formação da cidadania, justificando, portanto, a sua necessidade no currículo escolar.

É fundamental que a escola e docentes disponham de metodologias adequadas ao trabalho com textos literários, e não se restrinjam apenas aos livros didáticos, pois, segundo Zilberman (2010), o ensino pautado nessa perspectiva reifica a cultura de que estudar literatura não é prazeroso. Muito se ouve sobre a insatisfação do aluno em relação a determinadas leituras, mas o que tem sido ensinado em grande parte das aulas de Língua Portuguesa, especialmente em se tratando do trabalho com a literatura, não tem sido capaz de mudar essa realidade.

É interessante que a abordagem do texto literário em sala de aula seja ser aberta. A interpretação do texto pode ser entendida como um exercício colaborativo entre texto e leitor, momento em que este senta necessidade de refletir a respeito do que leu, de expressar o que sentiu em relação ao diálogo que foi estabelecido entre ele e o texto.

Segundo Rangel (2003, p. 137-138), “a formação do leitor literário visa formar um leitor para quem o texto é objeto de intenso desejo, para quem a leitura é parte

indissociável do jeito de ser e de viver”. Sendo assim, o contato que estudantes têm com leituras realizadas, em algum momento de suas vidas, deverá ser um ponto chave para a concretização de um ensino de literatura mais efetivo.

Esse contato pode ser estimulado e mediado pelo professor, e continuado em sociedade. Aproximar o aluno dos livros, seja através da biblioteca da escola, de projetos direcionados à leitura literária ou em momentos de leitura na sala de aula, é de suma importância. Para isso, é necessário que as escolas tenham um acervo diferenciado e vasto, para que os discentes façam suas próprias escolhas, podendo realizar diferentes leituras, interferências, e, assim, por conta própria, tomar gosto pela leitura literária. De tal modo, provavelmente, a literatura encontrará espaço na vida de adolescentes e jovens. Diante disso, é preciso desenvolver formas diversificadas de acesso, para que todos tenham direito e apreço pela literatura. Para Cosson (2011, p. 26-27):

Em primeiro lugar, nossa leitura fora da escola está fortemente condicionada pela maneira como ela nos ensina a ler. Os livros, como fatos, jamais falam por si mesmos. Quem os fazem falar são mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola. Depois a leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona. No ambiente escolar, a literatura é um *locus* de conhecimento e, para que funcionasse como tal, convém ser explorada de maneira adequada.

Cosson ressalta a importância do ensino de literatura e da escola como ambiente que o estudante dispõe para interagir com essas leituras. Importante é o reconhecimento de que, querendo ou não, a leitura fora da escola está fortemente relacionada a como ela é ensinada nas escolas. A literatura é uma manifestação artística que tem como matéria prima a palavra, e seu ensino consiste em explorar o potencial da palavra escrita.

A vivacidade de uma obra é oferecida ao leitor através da influência mútua entre sujeito produtor e sujeito consumidor, sendo este último quem a atualiza e intensifica suas instâncias expressivas, como recomenda Zilberman, em *Estética da recepção e história da literatura* (1989). Assim sendo, torna-se indispensável, na prática pedagógica, a relação com o texto literário na íntegra e a leitura individual, desprendida de qualquer ideia impositiva, bem como de qualquer apreensão meramente conteudista.

O professor, sendo agente mediador desse contato, pode promover possibilidades de que os leitores dialoguem com os textos. Para Jauss apud Zilberman (1989, p.34), “por mais renovadora que seja, cada obra não se apresenta como novidade absoluta num vazio informativo, predispõe seu público por meio de indicações, sinais evidentes e indiretos, marcas conhecidas ou avisos implícitos”, sinais que farão ao leitor reagir individualmente a um texto, tornando a leitura um ato social e individual.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de literatura e a leitura literária, com ênfase para a sua realização em sala de aula, constituem atividades indispensáveis para a formação humana, uma vez que o contato com a literatura amplia a sensibilidade, a percepção sobre a vida e sobre o outro, desenvolve a empatia e possibilita capacidade de percepção sobre diferentes momentos da história e da cultura, tanto a nível universal, nacional e local. Esses textos são objetos estéticos capazes de influenciar e transformar o leitor, mobilizando-o a experienciar novas e outras experiências que a vida por si só não possibilita ou não dá conta. Nesse sentido, a literatura deve ser um direito universal, porque está diretamente relacionada com a vida e com a formação da personalidade.

Se a arte literária é ampla e complexa, a leitura desses textos também corresponde a um exercício que necessita de reflexão, para que possa ser compreendido em sua profundidade. A abordagem do texto literário, seja quando ensinado em sala de aula ou em outras situações, precisa sempre partir da perspectiva estética, pensando o texto como potencial, e que o mesmo precisa do leitor para que possa se realizar. É interessante que estudantes/leitores sejam apresentados aos textos de maneira a despertá-los para a pluralidade de sentidos presentes neles, os quais resultam de uma complexa rede de elementos constituintes do literário, que interagem para a compreensão do todo.

Assim, reconhecer a arquitetura, aquilo que é próprio do texto literário, é um dos caminhos mais produtivos para a abordagem da literatura, uma vez que, quando se compreende a natureza do objeto, pode-se lidar com ele com propriedade, bem como se torna mais provável a criação de vínculos afetivos com ele. Desenvolver o hábito e o gosto pela leitura de literatura pode ser um desafio, mas que, no entanto, pode ser superado, e a Estética da Recepção tem trazido reflexões importantes para pensarmos o lugar do texto e do leitor diante do ato de leitura. Partindo desses pensamentos, podemos rumar em direção à formação de leitores críticos e superar antigas concepções sobre a presença da literatura na escola e na vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. S. c 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas. 2011.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

ECO, U. **Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas**. Tradução de Giovani Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2008.

INGARDEN, R. **A Obra de Arte Literária**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulkenbian, 1979.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, v.1.

JOUBE, V. **A Leitura**. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Edunesp, 2002.

MAGALHÃES, H. G. D.; BARBOSA, E. P. S. Letramento literário na alfabetização. In: SILVA, W. R.; MELO, L. C. (Orgs). **Pesquisa & ensino de língua materna: diálogos entre formador e professor**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008.

RANGEL, E. O. Letramento literário de livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis”. In: PAIVA, A. et al. **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, CEALE/FaE/UFMG, 2003. p. 125-145

REZENDE, N. L. de. Apresentação ao leitor brasileiro. In: ROUXEL, A; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de. (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 7-18.

SARTRE, J.-P. **O que é a literatura**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. Editora Ática: São Paulo, 2004.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010.



Título em inglês:

**NOTES ON READING THE LITERARY TEXT, IN THE CLASSROOM,
UNDER THE PERSPECTIVE OF THE THEORY OF AESTHETIC
EFFECT**